

Índice

Prefácio	7
Embaixada a Calígula	11
Índices Remissivos	269
1. Toponímico / Geográfico	271
2. Antroponímico	277
3. Outras referências	285
3.1. Bíblicas	285
3.2. Artísticas	285
3.2.1. Pintura e Escultura	285
3.2.2. Música, Teatro e Cinema	286
3.3. Personagens literárias, mitológicas, lendárias	286
3.4. Obras literárias e outras publicações	287
3.5. Gastronomia	288

Não é a nossa época propícia aos relatos de viagens, por banal que nos pareça mudar de lugar com a rapidez do som e atravessar fronteiras de olhos fechados, tendo ao lado um mapa apenas consultado e uns óculos de lentes verdes. Mas se mudar de lugar é uma coisa cada vez mais possível em condições de dia para dia mais indiscutíveis, viajar, propriamente, vai-se tornando raro. O que é viajar? Começa uma pessoa por temer o conflito com a sua rotina, e isso é já atmosfera moral duma viagem. Depois vai cedendo à curiosidade, ao doce pastoreio da sua própria alma pelos campos desconhecidos — e já penetra a sensação dum país que até aí lhe era oculto e que era para si destituído de tudo o que não fosse simples geografia.

A viagem é a intimidade do importuno. Tudo o que não preferimos em quaisquer outras circunstâncias de fixação prolongada — uma paisagem, as criaturas, um acontecimento — é-nos oferecido para que o tomemos com esse amor espontâneo que não se pode evitar porque vive da surpresa em que se comprometeu. Muita gente muda de lugar, passa de um a outro continente, retém na memória factos sobrevivendo em diversas latitudes. Mas a viagem, com o seu mistério e a sua intimação à consciência, com as suas alegrias que nascem inexplicavelmente dum golpe de vento na poeira sobre uma ponte, duma sensação de vida isolada e profunda quando atravessamos uma terra estrangeira — ah, essa viagem poucos a podem experimentar!

Pelos caminhos de Castela os campos têm o aveludado mais terno do que o próprio céu. Há grandes retalhos de seara dum loiro-esver-

deado, outros são róseos como espuma de champanhe. Uma gravidade parece pairar sobre essas regiões planas, sobre as suas aldeias barrentas e rentes ao chão, sempre dominadas pelo campanário onde transborda o ninho das cegonhas. Castelmendo é assim. A batina negra dum padre com ar epigramático está imóvel no meio dum campo; o trigo oculta-o até aos joelhos e ele estende o seu perfil agudo com algo de irónico e palaciano, como aqueles que não sofrem o sentimento duma classe. Uma adolescente, robusta, com tranças sobre o peito e calças amarelas, fita a estrada com essa melancolia de férias que não se assemelha a nenhuma outra, que é o idílio com a própria frustração, que é noviciado para a idade adulta.

A tarde decai, Salamanca aparece, feita de barro pálido, com as ruas devoradas pelas belas casas que a luz velha e doce enobrece mais. É o fim do dia na Plaza Mayor, há um movimento insólito, excitado; as raparigas, com os vestidos estampados, berrantes, muito curtos, passam aos bandos com essa provocação de raça que nada tem que ver com os costumes. São soberbas e românticas, exibem-se com um atrevimento em que não se pode notar impudor, mas antes uma sensibilidade imoral e primitiva. Esse tagarelar de mulheres jovens numa tarde de Verão, debaixo das arcarias da Plaza Mayor, é uma coisa que desperta alegria e inexplicável sentimento de coragem. Que é a Espanha para nós, vizinhos dum litoral que nos está no sangue mais do que qualquer outro parentesco de fronteiras? O mar é o tema da nossa epopeia, a alma do português é visionária do mar, mesmo quando prisioneiro da terra, mesmo quando oculto ao seu impulso. Mas para nós o que significa a Espanha? Que laços nos são indicados pela História e que nós tenhamos como preferidos ou inúteis? Que animosidades subsistem e que afectos consentimos mais do que a qualquer outra raça e nação? O português é, como nacionalista, descrente; como patriota é cumpridor, mas sem ilusões; como homem é, ao mesmo tempo, fraterno e inimigo — isto faz com que tenha subsistido como povo. A Espanha é um caso à parte na consciência do português, que vive a evadir-se das suas próprias convicções, que tem como excessiva paisagem o mar; a Espanha fixa o português à sua península, ela é a terra com a sua obstinação, a sua mística tão alta como profana, com o seu cândido «*hay que vivir*». Para nós, sentados entre as quatro faces da Plaza

Mayor, vendo nos dedos das raparigas vestidas de escarlata o creme dos sorvetes que escorre, a Espanha revela-se como um monumento do ser, sem que por isso deixemos de convir que ignoramos a matéria e a forma desse monumento. Não é para um português coisa pouca passar fronteiras. Se o mar lhe é familiar e se embarca nos lugres como o fez nas naus, não é isso por aventura e golpe da imaginação, mas porque prolongar um hábito como aquele que tem do mar lhe parece não uma exploração da necessidade, mas a expansão duma rotina. Mas transpor a linha que divide um país de outro acarreta-lhe um amargo sentimento de funâmbulo, e não se presta a isso com naturalidade. Só os povos fúteis dão mostras de imaginação — isso não é com o espanhol nem tão-pouco com o português. Contudo, não chamemos aos parcos e sedentários costumes, ao limitado gosto pelas subtilezas, uma prova de má imaginação exclusiva. Há também um tipo de imaginação de combate, e que resulta não do esmero, mas da precisão. A civilização prolonga-se nessa linha finíssima do esmero, mas um povo, o homem, cumpre-se nesse rigor que é a verdadeira imaginação.

Não foram os espanhóis também além dos mares, as caravelas de Isabel não aportaram a baías desconhecidas, não se lhe pode chamar também um povo navegante? Em parte, assim é; mas o que num é espírito de fidelidade ao próprio oceano, culto duma prova exigida pela fantasia melancólica de muito tempo, noutro é ardor de novos impérios, determinação de os desvendar. Num e noutro, não há sentido administrador, não há cálculo imperialista aliado a um juízo económico, como acontecerá com a Grã-Bretanha. O espanhol faz-se ao mar com os seus corcéis como se pisasse terra sólida; o português considera o mar como a sua mais magnífica conquista. Num e noutro existe uma imaginação que a linguagem não traduzirá nunca, que as artes não podem exprimir — é a imaginação dum destino, mais do que do seu encontro com a vida.

Em San Pedro del Arroyo há um vendeiro com essa cara tímida e fria que é frequente no castelhano de pequena condição. É já crepuscular, dum longo crepúsculo de Verão, esta luz mais pacífica que dá aos rostos um recorte muito nítido e os faz destacar como madeira aparada, sem perspectiva. Há muita gente que passeia pela estrada como numa alameda, as tendeiças vendem pastilhas de amêndoa que

*San Pedro
del Arroyo*

embrulham em grosso papel pardo; o fiapo do papel pega-se, e as amêndoas têm um sabor de flanela antes de verificarmos o gosto torrado e doce. A paisagem é espiritual e segura. Sente-se o rés da terra sem outra protecção que o elevado campanário ao lado da igreja sólida, quase elegante no meio das aldeias que se confundem entre muros calcinados. A pobreza é nobre, nunca miserável; e os costumes mesmo dos mais necessitados possuem um nível em que o homem acima de tudo está presente, exigindo e estendendo a mão de ferro. Os rebanhos negros deslocam-se na *dehesa*, vê-se o Tormes com as suas margens de saibro perfumadas de orégão. O baque das rãs ouve-se claramente na água funda, sob a ponte; as lavadeiras recolhem as roupas, partem das margens seguidas pelos pares de militares que vagueiam reflectindo encontros, aventuras breves nos campos arenosos do Tormes. É quase noite, e aos lados da estrada os campos lilás, róseos, amarelos fecham-se lentamente na sombra.

Ávila Ávila, amuralhada num planalto, parece-nos fresca com a sua cintura de pedra do século XI e a sua estatura bem elevada acima do mar. É uma cidade plácida e silenciosa, as crianças brincam ao lado da muralha, há sempre um pai que faz deslizar pelo passeio o carrinho dum menino que mostra uma expressão benevolente e adulta. Há nove portas que, na noite, com a iluminação precária, nos dão uma impressão oriental, pois o frouxo desenho de bairro avistado para lá desse arco solene de pedra nos faz pensar nos velhos cromos de Meca e Jerusalém. O burro arábigo continuamente passa nas ruas, mordisca ao abandono as ervas da Calle de la Vida y de la Muerte, ou se nos depara preso à entrada da Ermita de la Cabeza. É um burro acentuadamente mourisco, com o ventre peludo e uma impassibilidade delicada. Carregou essa pedra a esmo que durante nove anos os cativos acumularam em volta de Ávila, e, com os seus antolhos de couro, passou pelas casas apalaçadas dos Guzmán e dos Dávila, fazendo soar as pedras quase diremos harmoniosamente.

A Santa tem continuamente ou um ar arroubado que o barroco explora sempre, ou é beata e de semblante remeloso, conforme a sua queixa dirigida ao frade que a pintou. Há pouco de Santa Teresa em Ávila. As basílicas com os seus sepulcros de mártires, as ermidas, as mansões dos grandes do Peru com os pátios muçulmanos onde pe-

netra uma claridade de aurora; a catedral com as suas portas recamadas de apóstolos e de bispos e de leões, as ruas onde surgem a todo o momento capitéis, escudos e relevos com sua história funesta ou dominante; as ferragens lambidas pelo tempo, os relógios de sol, de face rasa e branca; a própria escada donde caiu a Santa empurrada pelo diabo, as relíquias, a capela onde os seus restos repousaram — nada possui o seu mistério nem a fluência do seu gênio.

Dir-se-ia que, ao sacudir dos pés, um dia, o pó de Ávila, se despediu também da possibilidade de ali se perpetuar. Ávila aparece-nos cheia de motivos a que em vão se deseja prender a nossa curiosidade. Infanta velhíssima de Castela, ela tem pouca sedução, a não ser nessas razões que o turismo banalizou e que são o pitoresco. Mas não tem na sombra das suas ruelas, no entanto cheias duma plástica inalterável, o que se chama qualidade comunicável, seja da tragédia, seja de simples confissão. É muda e sem espírito a cidade onde a Santa fundou a sua ordem, o Convento de las Madres, com a ajuda duns dinheiros das Índias enviados por um irmão seu. Ali ouviu as prédicas que a punham aos pés do patíbulo de relapsa, ali divagou ao lado dos *Morales* de São Gregório que foi anotando, ali escreveu cartas a jucundas e piedosas damas que eram semelhantes àquela a quem teve inveja pela sua grande casa sem cuidar nas penas e misérias que um alto estado faz confluir à alma. Ali sofreu malícias e se confortou com visões, ou das visões tirou os exemplos mais pertinazes e as mais belas páginas da sua vida. Ali conheceu o inferno «onde não há luz, senão trevas escuríssimas. E não se entende como pode ser isso, que com não haver luz tudo o que à vista há-de dar pena, tudo se vê.» Ali conheceu o luto e o desprezo dos que professam a fé cautelosa que conduz ao fanatismo — a fé de que usam os homens fazer vibrar o próprio sangue, essa fé que é razão de fracos e não verdade de humildes. Razão de fracos e verdade de humildes se confundem muitas vezes — e são distintas coisas. Dessa Teresa de Ahumada, andarilha e poeta, não nos fala a cidade. Emudeceu-a a Santa com a recusa pelo peso dos seus trabalhos de alma, e hoje vemos, sim, uma imagem de prata trespassada de clareões e um rosto arroubado ao lado direito dum altar. Noutro lugar está a avelaneira que plantou, a pia onde foi baptizada. Mas Ávila permanece muda, com uma tristeza resignada e um tanto de mesqui-